

confiscadas na véspera, supostamente dos anarquistas. A banda da guarnição naval de Kronstadt sobe para bordo atravessando a passarela, tocando uma marcha. Como a temperatura era de cerca de 30°C negativos, os instrumentos têm um som estranho, rachado, como se fossem de gelo. Os botes e os barcos de patrulha cercam o navio, saudando a tripulação com sinais. Por três vezes, três tchekistas severos sobem a bordo, de revólver na mão, exigindo que a festa seja interrompida imediatamente por razões de segurança; três vezes, voltam a guardar o revólver no coldre à menção do nome de Novski, e unem-se ao coro dos oficiais que gritam *Gorko! Gorko!* (Um beijo!) Os cadáveres das garrafas de champanhe voam por sobre a amurada como balas detonadas de canhões de 25 mm. Ao amanhecer, quando um sol de inverno começa a desenharse na bruma matinal como o reflexo de um incêndio distante, um tchekista embriagado festeja o nascimento do novo dia com uma salva de metralhadora antiaérea. O convés está juncado de marinheiros, que jazem como mortos sobre vidro quebrado, garrafas vazias, confetes e poças de champanhe francês congelado, *rosado como sangue*. (O leitor, estamos certos, reconhece o lirismo pesado de Leon Mikulin, discípulo dos imagistas.)

Sabemos que esse casamento rompeu-se dezessete meses mais tarde, e que Zinaida Mikailovna, por ocasião de uma viagem clandestina à Europa, tornou-se companheira do diplomata soviético A. D. Karamazov. Quanto a sua breve união com Novski, certos testemunhos fazem menção a penosas cenas de ciúme e a reconciliações apaixonadas. O fato de que Novski, num acesso de ciúme, tenha chicoteado Zinaida Mikailovna pode ser, porém, fruto de uma outra imaginação ciumenta — a de Mikulin. Em seu livro autobiográfico *Onda após onda*, Zinaida Mikailovna Maisner não faz menção a lembranças

íntimas, como se as gravasse na água: o chicote, no livro, só aparece num contexto histórico e metafórico, como o cnute que fustiga impiedosamente o rosto do povo russo.

(Zinaida Mikailovna Maisner morreu de malária em agosto de 1928, na Pérsia. Ainda não tinha completado trinta anos.)

Como mencionamos antes, é impossível estabelecer uma cronologia exata da vida de Novski durante a guerra civil e os anos que se seguiram. Sabe-se que em 1920 lutou contra os emires despóticos e rebeldes do Turquestão, e que os submeteu através da crueldade e do artifício — as armas que eles próprios utilizavam; que durante o verão sufocante de 1921, registrado nos anais pela invasão de mosquitos transmissores de malária e dessas moscas verdes que se arremessam aos enxames sobre o sangue, ele foi responsável pela aniquilação do banditismo na região de Tambov, e que nessa ocasião foi ferido por um golpe de sabre ou de faca, fato que lhe deixou no rosto a marca cruel do heroísmo. No congresso dos Povos do Oriente vamos encontrá-lo na qualidade de presidente, distraído, um eterno cigarro entre os dentes amarelados. Seu discurso foi recebido com aplausos, mas um dos repórteres presentes observa a ausência de ardor, o olhar apagado daquele que era chamado no passado de Hamlet bolchevique. Sabemos que durante algum tempo ocupou o cargo de comissário político no Comitê Diretor Revolucionário da Frota, para a região Cáucaso-Cáspio, que foi membro do estado-maior da artilharia do Exército Vermelho, depois diplomata no Afeganistão e na Estônia. No final de 1924 faz sua aparição em Londres, como membro de uma delegação que fora negociar com os eternamente desconfiados ingleses; nessa ocasião entra em contato, por